

# A IDEIA

REVISTA LIBERTÁRIA

Fundada em 1974

II Série – Vol. 7 – Nº 62

Abril 2006

<i>João Freire</i> A reforma política	3
<i>António Cândido Franco</i> Portugal e os portugueses no pensamento de José Gil	29
<i>Catarina Sales de Oliveira</i> Privacidade, dados pessoais e uso do telemóvel	43
<i>José Luís Almeida e Silva</i> O nuclear em Portugal	48
<i>André Bandeira</i> Benito Mussolini, un dittatore anarchico	57
<i>Paulo Brito e Abreu</i> Do ministério mesnestrel	71
Notas respigadas do último ano	75
Registo	80

Nesta segunda época, é propósito dos promotores de *A IDEIA* editar textos de reflexão que lhe sejam propostos, sobre os mais diversos temas. Temas que configurem, contudo, uma oportunidade e um espaço de debate e diálogo entre pessoas cidadãs. Ou seja: textos que, podendo envolver matéria política, cultural, social, literária, histórica, etc., sejam dirigidos “horizontalmente” ao entendimento e à sensibilidade dos outros. A selecção dos artigos a publicar dependerá da opinião que sobre eles emitirem os membros de uma “rede de conselheiros de redacção”.

Aos potenciais colaboradores redactoriais, pede-se que enviem os seus textos também em suporte informático e que, em princípio, eles não ultrapassem as 10 páginas em papel dactilografado (agradecendo-se igualmente um pequeno resumo de 10 linhas). Não serão feitos “cortes” ou sequer sugestões de alterações aos originais, pois os autores são plenamente responsáveis daquilo que escrevem. A revista apenas se atribui o direito de aceitar (gratuitamente) o texto proposto, ou de o recusar.

Ao lado da edição tradicional impressa em papel, a revista será simultaneamente acessível, em parte, por via da *Internet*. Na primeira modalidade, apenas é feita uma tiragem limitada, em função do número de compradores e a um preço de venda que cubra as despesas, o que significará sempre um valor elevado. No segundo caso, o acesso está franqueado a todos os interessados.

*A IDEIA*, nada renega da sua trajectória anterior, mas também não se considera dela prisioneira. Por isso, avança sem plataforma ideológica ou projecto programático. E se ostenta o mesmo subtítulo que exhibia anteriormente é sobretudo porque continua a considerar a liberdade como o seu valor de referência fundamental e não como sinal de reconhecimento de tribo. Escreveu-se em certo momento que nos encontrávamos “no partido do movimento, na pesquisa irrecusável da verdade e na ambição do indivíduo livre sobre a terra livre”. Esse é talvez um bom mote para prosseguir.

Dir., Edit. e Prop.: João Freire  
Endereço Postal: Apartado 140  
2494-909 Ourém – Portugal

Impressão: Gráfica 2000  
Cruz Quebrada, 1495 Lisboa  
Tiragem: 300 exemplares  
Depósito Legal: 3.276/83  
Registo título: 104.197  
ISSN: 0870-6913  
Grafismo e Capa: Joana C. e Francisco Freire  
Fotografia: Joana C.  
Aeroporto Domodedovo, Moscovo, 2005

Endereço *Internet*: [www.aideia.no.sapo.pt](http://www.aideia.no.sapo.pt)  
*Email*: [aideia@sapo.pt](mailto:aideia@sapo.pt)  
ou [a.ideia@sapo.pt](mailto:a.ideia@sapo.pt)  
ou [joao.freire@mail.telepac.pt](mailto:joao.freire@mail.telepac.pt)

#### Periodicidade de edição anual, no mínimo.

Publicação não destinada à venda comercial. Envia-se cada número, pelos Correios, contra o donativo de 8 Euros, destinado a compensar os custos desta edição sem fins lucrativos. Se solicitado, será passado um recibo particular.

Pagamentos: à cobrança, por cheque ou por transferência bancária à ordem da conta:  
(ATENÇÃO QUE É NOVA): NIB 0035 0891 00020837 400 82

Depositários:

- Centro de Estudos Libertários (aberto aos sábados à tarde)  
Azinhaga da Alagueza, Lote X, cave Esq<sup>a</sup>. (Olivais Velho) Lisboa
- Livraria “Letra Livre” (aberta das 10 às 22 horas)  
Calçada do Combro, 139 Lisboa
- Quiosque Rossio (horário normal do comércio)  
Praça D. Pedro V (Rossio, no passeio junto ao café Nicola) Lisboa
- Livraria “Utopia” (horário normal do comércio)  
R. da Regeneração, 22 Porto

João Freire

## A reforma política

### Precisões preambulares

Para quem é adepto das doutrinas anarquistas clássicas, este texto não faz qualquer sentido; ou, melhor, nada tem a ver com anarquismo. De facto, não se propõe aqui nenhuma ruptura radical ou revolucionária com o presente, nem se desenha um esboço alternativo e completo de funcionamento dos sistemas políticos. Àquelas pessoas desaconselha-se, pois, a sua leitura ou, pelo menos, que não a façam iludidos.

A intenção do autor é, porém, a de dirigir-se a outros públicos, entre os quais o das pessoas que se preocupam com a sociedade onde vivem e o seu futuro, e que não estejam de mente enclausurada por tal ou tal ideologia política.

Assim sendo, talvez já seja compreensível o esforço de crítica que se segue, dirigido pontualmente a alguns dos mecanismos políticos das nossas democracias ocidentais – mas tendo mais especialmente presente o caso concreto de Portugal –, analisando os seus impasses e incongruências, e eventualmente sugerindo ou propondo medidas ou soluções correctivas imediatamente praticáveis, algumas delas bem simples e só inéditas por dificilmente poderem ocorrer aos indivíduos já envolvidos na vida política, presos que estão a concepções e interesses insuperáveis.

Estas críticas e propostas – que justificam a epígrafe de “reforma política” – não são, porém, ideias avulsas ou meras “fixações” pessoais. Partem, sim, do pressuposto que, numa sociedade aberta (como são, razoavelmente, as democracias ocidentais) existe espaço e liberdade mental suficiente para uma evolução pacífica que seja capaz de aperfeiçoar os mecanismos republicanos, elevando a qualidade dos seus desempenhos; e tentam formulá-las [tais críticas e propostas] a partir de uma matriz de valores libertários, procurando soluções de equilíbrio (e não de ruptura ou de grave risco), de responsabilidade, de equidade e de respeito pela liberdade, nas condições do mundo actual, sem